

---

# UM LUGAR A MARGEM DA ESTRADA: CONCEPÇÕES DE GÊNERO NO ASSENTAMENTO JOANA D'ARC III

A PLACE AT MARGIN OF THE ROAD: GENDER CONCEPTIONS IN THE SETTLEMENT OF JOANA D'ARC III

UN LUGAR JUNTO A LA CARRETERA: CONCEPCIONES DE GÉNERO EN EL ASENTAMIENTO JOANA D'ARC III

Telma Ferreira da Silva<sup>1</sup>

Ziley Alves de Souza<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O enfoque das análises segue o viés das representações de gênero a fim de verificar o envolvimento das mulheres nas atividades laborais desenvolvidas na zona rural, o cotidiano dessas, e as influências advindas com a implantação da Hidrelétrica de Santo Antônio nas formas de construção social de gênero foram analisadas e evidenciadas neste trabalho. A pesquisa de campo é de abordagem participativa, onde se utilizou o método fenomenológico e a técnica de entrevista, registro fotográfico em conjunto com registro em diário de campo. Os resultados apontam para o entendimento do conceito de lugar, pela ótica e significado específico de quem mora no ambiente agrícola, pois o assentamento em estudo encontra-se sobre fortes índices de desprezo do poder público. A organização das atividades rurais, do lar e pessoal por vezes podam a mulher para conseguir a equidade de gênero, e conseqüentemente seu empoderamento, construindo desse modo, obstáculos que às restringem ao avanço de conquistas políticas públicas de igualdade de direitos, dessa maneira perpetuando a submissão e as restringindo do espaço de decisão.

**Palavras-chave:** Empoderamento. Servidão. Experiências.

**ABSTRACT:** The focus of the analyses follows the path of gender representations in order to verify the involvement of women in the activities developed in agriculture, the daily routines present in women's lives and the influences that arising with the implementation of Santo Antônio Hydroelectric in your forms of social construction of gender. The field research it participatory approach that used the phenomenological method and the technique of interviewing, photographic recording and field diary. The

---

<sup>1</sup> Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero-GEPGENERO. E-mail: telmaferreira.pvh@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pesquisadora do PIBIC na área de Geografia da Universidade Federal de Rondônia-UNIR e aluna de graduação em Licenciatura em Geografia. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações e Sociais de Gênero-GEPGENERO. E-mail: afec-fenix@hotmail.com.

results indicate to the understanding of the concept of Place, from the perspective and specific meaning of those who live in the rural environment, because the settlement under study is on strong rates of contempt of the public power. The organization of rural, home and personal activities and in many situations restrains women to achieve gender equity and empowerment, thereby building obstacles that restrict them to the advancement of public political achievements of equal rights.

**Keywords:** Empowerment. Servitude. Experiences.

**RESUMEN:** El enfoque del presente análisis está orientado a las representaciones de género, con el fin de revisar la participación de las mujeres en las actividades desarrolladas en la agricultura, las rutinas cotidianas presentes en la vida de las mujeres y asimismo las influencias derivadas de la implementación de la Hidroeléctrica Santo Antônio en las formas de construcción social de género. La investigación de campo es un enfoque participativo, que utilizó el método fenomenológico con las técnicas de entrevista, registro fotográfico y diario de campo. Los resultados apuntan a una comprensión del concepto de Lugar, desde la perspectiva y sentido específico de quien vive en un medio rural, ya que el asentamiento para este estudio es objeto de un fuerte desprecio por parte de las autoridades públicas. La organización de actividades rurales, domésticas y personales, a veces disminuyen la equidad de género y el empoderamiento, ya que suelen ser obstáculos que les impiden alcanzar logros políticos públicos en materia de igualdad de derechos.

**Palavras chave:** Empoderamiento. Servidumbre. Experiencias.

## INTRODUÇÃO

A inquietação em entender o espaço vivido em suas diversidades e espacialidades geográficas, em seus lugares, sobre a forma de como as mulheres do Assentamento Joana D'Arc III percebem e compreendem o espaço em que estão inseridas faz parte da questão central deste texto. Sabendo-se que os aspectos sobre religião, culturas, economia e representatividade social possibilitam uma determinada compreensão do presente e do passado, das ações individuais e coletivas, e que promovem o domínio de procedimentos que permitem às mulheres do assentamento detalharem, opinarem e explicarem as ações que caracterizam sua sociedade.

O lugar a margem da estrada ganhou representação simbólica neste texto, por se entender que na malha viária (pista de rolamento) da estrada, tudo está em constante movimento, e por isso, em constante vai e vem. Dificilmente há tempo que os seus viajantes possam parar, pensar, refletir e buscar respostas aos seus questionamentos. A margem da estrada nesse sentido é o lugar apropriado de parada, e principalmente um lugar que só os verdadeiros donos conseguem parar por longa temporalidade.

Nesta perspectiva o lugar é identificado por elementos do meio nos quais constroem as linhas demarcatórias. Nessas, os elementos naturais são resinificados nos termos da cultura local e são incorporados sob forma de significados a cada pessoa habitante do lugar, onde representam suas práticas produtivas e suas relações sociais a partir da ideia do espaço vivido. Chama atenção o fato das mulheres, naquela localidade, terem um apego grande ao lugar. No entanto, depois da construção das Hidrelétricas do Madeira, o local ficou sem muitas perspectivas futura. O espaço construído a partir de representações

de gênero, no lugar vivenciado pela mulher rural, foi aos poucos, sendo entendido, assim como o desligamento feminino em detrimento das múltiplas jornadas de trabalho executadas pelas mulheres do assentamento Joana D'Arc III, o sentimento vivido por estas mulheres, as dores e perdas por elas retratadas nas atividades rurais. Com objetivo de compreender a utilização do espaço enquanto as construções sociais constituídas por mulheres, que nele ainda não possuem força decisória e gestora nas diversas necessidades que possuem. Sendo essas no trabalho, nas oportunidades, na ascensão social e até mesmo na feminilidade no que condiz às representações de gênero, visto ser esse espaço presente nas questões de análise da geografia humanística.

O Assentamento Joana D'Arc III está localizado aproximadamente há 105 km da cidade de Porto Velho, o acesso ao assentamento inicia-se com o cruzamento do Rio Madeira por meio da travessia da balsa que interliga Porto Velho-RO à BR 319 para Humaitá-AM. A entrada para o assentamento é via Estrada do Jatuarana, uma estrada a esquerda da BR-319, 5 km após o perímetro urbano. A única escola existente no local encontrava-se fechada desde 2011, por motivo dos empreendimentos nas obras do Madeira, essa que desencadeou diversos desequilíbrios no cotidiano das pessoas do assentamento, mesmo assim, as famílias não perderam a esperança de que devem lutar para manter viva sua cultura.

O panorama geral da organização do assentamento onde as mulheres em estudo, vivem e constroem suas especificidades, com um total de setenta famílias residentes, atingidas pelo empreendimento da usina hidrelétrica de Santo Antônio, tiveram seus laços emocionais de afetividade ao lugar quebrados, as mulheres mães da localidade foram e ainda são as maiores prejudicadas pelo descaso estatal. Para compreensão das espacialidades construídas pelas mulheres no assentamento foi necessário compreender suas percepções sob a ótica das categorias geográficas de espaço vivido e lugar, nessa perspectiva buscou-se auxílio nos teóricos da Geografia Humanista para assim fundamentar as percepções encontradas.

A construção do arcabouço passa a ser fundamentado sob o viés humanístico-cultural, entendido como forma do mundo vivido pelas mulheres no ambiente rural. Nesta ótica, a Geografia contribui para o entendimento do modo de vida no meio rural rondoniense, na compreensão das formas de organização da mulher junto à agricultura familiar. O pensamento geográfico de estudo do lugar, o conceitua uma categoria de análise que conduziu ao entendimento das abordagens da Geografia Humanista, onde os laços de afetividade que unem as pessoas ao lugar são pontos relevantes para a compreensão desta categoria. A espacialidade das questões culturais, e políticas, encontram-se representadas em todas as relações sociais que se constroem no espaço vivido.

## **MATERIAIS E MÉTODO**

Para entender este itinerário da “estrada metodológica”, existe a necessidade de esclarecer os fatores interligados à para o alcance dos resultados. Sendo assim, a experiência pessoal do pesquisador segue um roteiro cronológico, sequencial e de conhecimento do lugar de estudo. O entender de como se dá a construção dos saberes a partir das práticas cotidianas faz surgir, por sua vez, teorias e metodologias que coadunam para que, cada vez mais, as análises geográficas sejam aprofundadas, nessa perspectiva utilizou-se a pesquisa qualitativa participativa, para que o entendimento possa ser uma junção de teoria e prática, em que a prática produz as habilidades e as aplicações teóricas capazes de traduzirem os saberes culturais vividos pela comunidade pesquisada, sendo

o procedimento de coleta de dados um exercício que vai além das idas a campo, e o pesquisador, ao observar a comunidade, exercita o aprendizado da vivência que os indivíduos da comunidade possuem.

Após observação sentiu-se a necessidade de utilizar a técnica de aplicação de questionário o que possibilitou uma amplitude maior de abordagem da pesquisa. As amostragens serviram para a compreensão de uma área maior, e, utilizou-se também de registros fotográficos, como filtros, onde foi selecionado algumas fotos, para evidenciar os lugares do Assentamento Joana D'Arc III. Ainda como fonte de sustentação da pesquisa buscaram-se dados no sistema público, em que grandes armazenamentos de informações são encontrados, com pesquisas em fontes bibliográficas primárias e secundárias. Utilizou-se, então, como instrumento o diário de campo, com esses procedimentos houve entendimento muito melhor da comunidade estudada.

A utilização da fenomenologia proposta por Relph (1980) como método para traduzir à espacialidade de emoções, sentimentos e sensações, que estão sempre presente em cada espacialidade vivida é retratada por Sposito (2004, p. 38), como interação onde as observações e análises buscam “pela essência, isto é, o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, que é captado em uma visão imediata”. Com tipologia descritiva e explicativa evidenciou-se a complexidade das especificidades que agem na construção e realização do lugar em determinado espaço, estão estreitamente ligadas às experiências humanas do cotidiano, as categorias de lugar e espaço, surgem no centro das discussões propostas neste estudo, o qual o método fenomenológico propoem elucidar os arranjos materiais e simbólicos que formam o lugar.

Nesse sentido para Paul Claval (2007, p. 201), há um novo modo de compreensão de determinadas construções, pois “falar dos lugares ou dos ambientes, não há outro meio do que proceder ao batismo da terra e elaborar um vocabulário próprio para qualificar as diferentes facetas do espaço”, de maneira que a geografia humanista tem o propósito de alcançar a compreensão do ser humano da sua condição, e do meio em que vive, pois ao tentar explicar e entender como as atividades e os fenômenos geográficos se revelam, evidencia-se a qualidade da conscientização humana.

## **A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO VIÉS FENOMENOLÓGICO**

Embora a categoria de análise e o conceito geográfico de espaço e lugar sejam distintos, cada um com sua singularidade, em Tuan (1983, p. 43), as ideias de espaço e lugar não podem ser vistas uma sem a outra, pois a partir da segurança e estabilidade do lugar há a consciência da amplitude e da ameaça do espaço e vice-versa.

Considerando o espaço mais abstrato que lugar, o autor dispõe “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor”. Logo, enquanto que o lugar é a tranquilidade, transmite segurança, o espaço é amplo e muitas vezes desconhecido, por sua amplitude, por isso buscou-se o conceito utilizado por Fremont (1980, p. 28) de espaço vivido que “parece assim constituído por uma compactação de estratos sucessivos que se acumulam, se apertam, se esbaram, se esquecem mais ou menos [...]. Esta estratificação comporta evidentemente componentes pessoais, próprios de cada indivíduo”. Também é refletido na cultura, na política, religião, nas atividades cotidianas expressas nos diversos lugares do assentamento Joana D'Arc III.

A partir das ideias de Fremont a respeito do espaço que os seres humanos se relacionam de diversas maneiras, onde os laços de afetividade os unem ao lugar, desde os aspectos mais simples do dia-a-dia, através das referências de valores e sentimentos, o lugar lembra as experiências e aspirações dos seres humanos, sendo assim é fundamental para a construção da identidade. Esta que é construída em contextos de diversas realidades, pois como bem evidenciou Tuan (1980, p. 285) “a realidade nunca é exaustivamente conhecida, não importa quantas sejam as perspectivas humanas”, ela é um elo criado que vincula as pessoas por identificação ao lugar, ao gênero, aos elementos que constituem a sociedade em que o indivíduo está inserido.

Ao se interessar pelo elo que as pessoas manifestam com o lugar e com o espaço vivido, as experiências vivenciadas passam a ser o centro de referências para outros elementos de identidade nestes, e podem representar a fé, o alimento, os hábitos culturais, os costumes todos se encontram com posições de distinção indenitária que possibilitam as pessoas residentes no espaço e lugar a se identificarem e identifica-lo como seu:

O espaço vivido, em toda a sua espessura e complexidade, aparece assim como o revelador das realidades regionais; estas têm certamente componentes administrativos, históricos, ecológicos, econômicos, mas também, e mais profundamente, psicológicos. A região não é, pois um objeto com realidade em si, tal como o geógrafo ou qualquer outro especialista não são analistas objetivos de um universo como que exterior ao próprio observador, do mesmo modo que a psicologia dos homens se não poderia reduzir a uma racionalidade dos interesses econômicos ou das adaptações ecológicas (FREMONT, 1980, p. 17).

Incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio material, que caracteriza o espaço vivido, Tuan (1980) corrobora o pensamento de Fremont (1980), e se manifesta mesclando o lugar habitado aos incidentes humanos e lembranças surgindo como um envolvimento suave, inconsciente com o mundo físico, as relações sociais engendram afeição ou desprezo, uma vez que os lugares e sentimentos são uma extensão da personalidade e caracterizam a identidade.

Assim, a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar, encarada como herança, um legado a ser preservado, algo que enraíza os sentimentos, uma memória que pode ser tanto individual quanto social e reaparece nas relações pessoais com a simbologia do espaço vivido. Logo Fremont (1980, p. 77) indica que “as formas e as estruturas da organização do espaço não podem escapar às influências do crescimento [...], pois este provoca um movimento dos fluxos de mercadorias, de informações de população, que passa pela rede das cidades”. Tais laços de afetividade que ligam o homem – abstrato ou concretamente ao lugar vivido despertam sentimentos e provocam relatos e referências verbais e/ou escritas e na busca de resgatar o sentimento topofilico, as pessoas buscam evocar dentro de si, e captam o sentimento que os lugares os fazem sentir de acordo com seu cotidiano experiência uma gama ampla de motivos e emoções. Para Tuan (1980, p. 286) o laço sentimental que o homem sente pelo lugar ocorre de “muitas formas e varia muito em amplitude emocional e intensidade. É um começo descrever o que elas são: prazer visual efêmero; o deleite sensual de contato físico; o apego por um lugar por ser familiar, porque é o lar e representa o passado, porque evoca orgulho de posse ou de criação; alegria nas coisas”. Esse espaço que é transformado em lugar com o sentimento de experiência passa a representar a base da reprodução da vida

(vivência afetiva) e pode ser analisada pela tríade habitante-identidade-lugar, existindo uma relação ou mesmo uma identidade com o indivíduo.

Os conceitos de espaço vivido e lugar representam as ações e relações sociais como fator intrínseco, estes ganham seu significado dependendo das relações sociais que são constituídas nas vivências e experiência. Neste fator as relações humanas desenvolvidas no entorno de cada grupo social, permeiam a modificação do espaço geográfico traçando itinerários muitas vezes construídos historicamente e socialmente em penumbras desumanas arraigadas de tristezas e perdas de identidade. Os hábitos praticados por longos tempos acabam alicerçando a cultura da sociedade ocupante deste espaço, embora o aspecto cultural represente patrimônio para quem o constrói, a falta de consciência dos governantes (detentores do poder) fez do lugar topofílico, um espaço vivido carregado de angústias sentidas pelos moradores do lugar transformando-o desse modo em um lugar “topofóbico” (TUAN, 2005).

Os conceitos de espaço social e espaço geográfico são elaborados a partir da compreensão dos elementos presente na realidade estudada, e nesse entendimento, o que os diferencia é a forma como as relações sociais se constroem em cada espacialidade, por isso que o método é entendido na fenomenologia como Dardel (2011, p. 189) evidencia “o processo eidético e o processo experimental não estão ligados por relacionamentos de sucessão. As essências só podem ser tratadas a partir da experiência do fato, e o fato só pode ser tratado considerando-se a visão das essências. Há um relacionamento dialético entre só processo, ou melhor, holístico”. Nesta afirmativa percebe-se que para a fenomenologia o que vai interessar é a essência dos indivíduos e a visão holística que permite entender um espaço vivido e constituído por uma compactação de camadas sucessivas que se acumulam, se apertam, se completam e se reconstroem a cada temporalidade presente na história e cultura social. Essa conjuntura também é explicada ao entender que esse espaço “comporta evidentemente componentes pessoais, próprios de todos os indivíduos”, pois o “espaço (social) é um produto (social)” (FREMONT, 1980, p. 28), portanto as relações sociais, assim são compreendidas a partir da metodologia como é tratado os fenômenos pesquisados.

A profundidade do entendimento do espaço vivido e do lugar permite entender a organização do espaço subjetivo ocupado pelo gênero, este apresenta as construções sociais de desigualdade humana, nesse intuito os registros fotográficos, os questionários aplicados e as anotações em diário de campo, nos deram subsídios para entender a “consciência individual presente no campo de estudo da geografia humanística. A cultura predominante no ambiente rural, neste caso específico o Assentamento Joana D’Arc III, carrega tratamento diferenciado para homens e mulheres, a construção que ocorre entre cada indivíduo reflete de maneira diferente e particular em cada pessoa. Enquanto para alguns o uso da terra e das técnicas de trabalho na lavoura, sejam atividades dividida entre homens e mulheres, a ação agressiva de imposição ao trabalho, é também construída na sociedade rural e, é experienciada de forma diferente. Essa diferenciação torna-se explícita no reflexo mais presente neste caso visível no comportamento feminino, pois, este tem maior carga de trabalho e suas atividades são triplicadas. A utilização da fenomenologia como método para traduzir à espacialidade de emoções, sentimentos e sensações, que estão sempre presentes em cada espacialidade vivida é retratada por (SPOSITO, 2004, p. 38), que pode ser construída “pela essência, isto é, o conteúdo inteligível ideal dos fenômenos, que é captado em uma visão imediata”, ou seja, o perceptível pela visão, e pelo sentido dado pelo signo.

Entender os lugares a partir dos registros fotográficos possibilitou evidenciar um estudo voltado a pensar, sentir e entender o mundo, interpretando as figuras em suas diversas

formas e significados, pois “As formas de espaço onde caracteriza a diferenciação espacial, evidencia o conjunto que fazem parte de diversos lugares diferentes” (DARDEL, 2011, p. 32). Nesse sentido, “a geografia não pode se apoiar exclusivamente na observação da paisagem. Ela se interessa por aqueles que habitam os espaços sobre os quais se debruça, pela maneira como se inserem no meio, como o exploram e modelam. Ela se volta às formas de organização que eles realizam. Ela busca compreender a maneira como vivem os espaços onde residem, ou aqueles que visitam ocasionalmente” (CLAVAL, 2011, p. 67-68), de modo que ao observar os lugares e as ações que não podem mais ser realizadas pela degradação ambiental como pode ser percebido na Figura 1.



Fonte: Acervo da autora, 2016.

**Figura 1.** Os lugares impactados pelo empreendimento da Hidrelétrica do Madeira.

Com a utilização fotográfica foi possível evidenciar alguns dos problemas advindos do lago criado pelo empreendimento de hidrelétrico do Madeira, ao observar a imagem A, na figura acima, percebe-se um solo encharcado onde o acesso à moradia é por cima de tábuas. É possível observar, ainda, o real estado dos lotes no assentamento. Para que os moradores possam ir e vir de suas residências foi necessária a construção de pontes que dão acesso à parte mais alta do lote ou da estrada. Essa configuração demonstra o descaso pelos moradores do assentamento Joana D'Arc III. Existem, também, alguns lugares mais altos em que não foi preciso construir as pontes de acesso. No entanto, o subsolo é encharcado dificultando ou retirando sua especificidade de plantação para algumas lavouras que precisam de um solo propício para o cultivo. Na imagem B, também é possível identificar o estado de abandono da casa de farinha, lugar onde a comunidade utilizava para produção de farinha. Por não haver matéria prima para a produção de farinha, uma vez que os moradores não conseguem plantar a mandioca e a macaxeira, a casa de farinha perdeu sua finalidade. E, na imagem C, é possível observar as condições da vegetação, as árvores apodrecem, morrem afogadas, essa é a situação da vegetação, assim como a lavoura, vão amarelando e morrendo, pois o solo está impróprio para o plantio, sobrecarregado de água, pelo aumento do lençol freático.

## **A QUESTÃO DE GÊNERO ESPAÇO RURAL**

A discussão sobre gênero, condiz ao entendimento sobre o campo da geografia onde as reflexões tornam-se cada vez mais dinâmicas, como fator preponderante o estudo da ação social dos seres humanos, a Geografia Humanista busca explicar relações que se constroem em detrimento da cultura vivenciada em cada realidade, neste sentido Paul Claval (2001), defende que a cultura se dá na relação sensível e visível com a superfície da terra. Ao entender que a geografia está em toda parte, também notamos que as questões

relacionadas as representações de gênero, também o faz, percorrendo os ambientes rurais com muita intensidade, o espaço das experiências nas atividades rurais, demonstram uma relação de espaço vivido e lugar existentes carregados de simbolismo muitas vezes camuflados a ponto de fundirem-se ao preconceito e descaso.

Nesta perspectiva encontrou-se subsídios em Joseli Silva (2010) para a divisão das atividades femininas, e em Rossini (2006) para as relações de gênero erguidas em detrimento dos ensinamentos construídos em forma de desigualdade de gênero. Na discussão sobre o papel conferido a mulher abordam conceitos e costumes impostos pela comunidade familiar, por isso o espaço produzido faz parte das modificações e transformações sociais realizadas pelos homens e mulheres, podem ser evidenciadas, pois “o espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais [...] O espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo” (SOJA, 1993, p. 101-102).

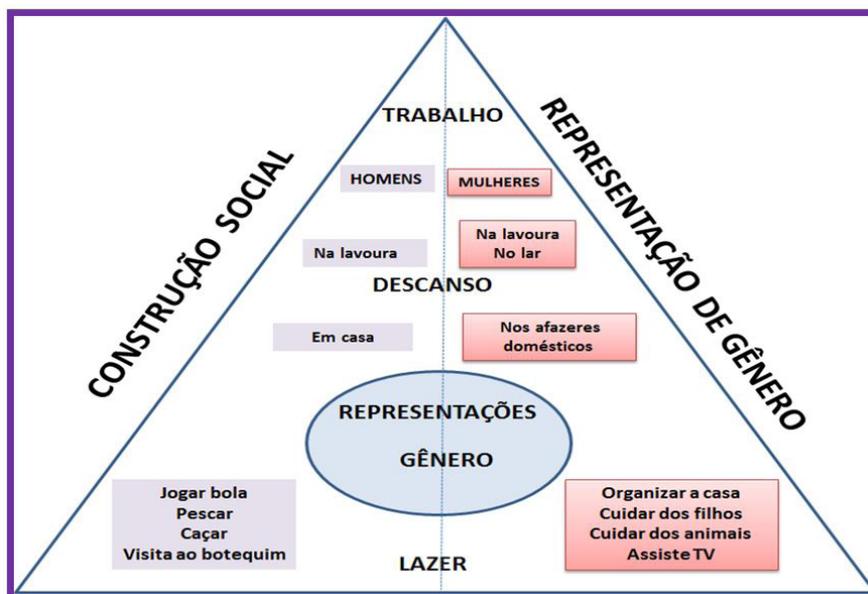
O poder exercido pelo chefe da família em ambientes rurais acaba por deflagrar uma relação desigual nas representações de gênero presente nas relações familiares ao delegar tamanha autoridade ao homem, a sociedade tira da mulher o poder de decisão, entende-se isso porque o poder simbólico, exercido nestas situações, acaba sendo o principal construtor da realidade, “A relação originária com o mundo social o qual se é acostumados, quer dizer, para o qual e pelo qual somos feitos, é uma relação de *posse* que implica a posse do possuidor por aquilo que ele possui” (BOURDIEU, 1989, p. 9-10).

A falta de empoderamento à mulher que se doa ao marido e aos filhos, deixando muitas vezes de cuidar de si, os fatores do trabalho árduo do campo são aumentados, quando estas, submetem-se a todas as ordens de desigualdade, por costume exercendo e aceita a submissão. Para melhor entender a construção social de gênero, elaborou-se um quadro que retrata a mulher no ambiente rural.

Na Figura 2 utilizou-se as ações executadas na rotina das atividades desenvolvidas por grande parte das mulheres que trabalham na agricultura, em seus afazeres “domésticos”. Para Nascimento Silva (2012), “o termo doméstico já vem configurando uma construção social de domesticada” em que a sociedade ergue paredes de divisão de trabalhos para a mulher e para o homem. Em sua rotina diária, fazer café, varrer o terreiro, preparar o alimento da família, lavar as roupas e cuidar da casa são compreendidas como atividades exclusivamente da mulher, o que é repassado de mãe para filha por meio de uma cultura de “domesticação” da mulher. Ou seja, a sociedade dita a lei que deverá ser seguida por pessoas pertencentes ao sexo feminino.

Neste sentido, a sociedade se responsabiliza em bloquear as possibilidades de entendimento da mulher sobre sua carga extra de trabalho, em muitos casos submetendo-se à “servidão” do lar em detrimento de realizar todas as atividades, além de ter que cumprir com todas as atividades para não ter de justificar ao marido ou companheiro a ineficiência de sua função. Esta mulher incorpora da sociedade (família, pai, igreja, cônjuge, patrão, amigos) parte do ensinamento, uma aprendizagem de viver para servir. Sua servidão à sociedade é construída em uma rede ideologicamente pensada e vivida. Em muitos casos, a mulher não reflete sobre essa construção social atribuída a ela, pois a partir desta construção será sempre submissa às vontades internalizadas em uma sociedade machista, a qual Mill (2006, p. 17) acentua que é construída ideologicamente com o pensamento que imponha a subserviência feminina, nesse sentido há quem pense e execute que seja “desnecessário que eu diga que aqueles que mantêm a doutrina de

que os homens têm o direito de comandar e as mulheres estão obrigadas a obedecer, ou de que os homens são adequados para o governo e as mulheres são inadequadas, estão do lado afirmativo da questão, e provavelmente mostrarão evidências positivas para tais declarações ou estarão subordinados à sua rejeição”.



Fonte: Organizado pela autora, 2013.

Figura 2. Equidade de gênero no ambiente rural.

Ainda na Figura 2 o momento de descanso retratado permite analisar uma atividade de descanso vivido pelo homem e um outro descanso vivenciado pela mulher. A sociedade legitima a criação de gênero quando sobrepõe uma camada da sociedade em detrimento de outra camada em diferenciação de deveres. A mulher no campo rural, de certa forma, continua vitimada por uma marginalização fortemente alicerçada na cultura de submissão ao masculino. Assim, o espaço carregado de complexidade, de atividades que a mulher realiza em casa após uma dura jornada de trabalho na lavoura, aqui é entendido como “descanso”, o qual a sociedade constrói como tal. Porém, a mulher vive nessa realidade de fadiga e de angústia ocasionada de maneira sutil e preconceituosa.

Se o descanso é um espaço perplexo de tarefas desenvolvido pela mulher, atividades que, fisicamente, lhe deixam exausta, confirmamos a construção social da desigualdade de gênero. Logo, percebemos uma ação imposta pelo poder de quem manda e uma submissão da mulher em detrimento do que lhe é imposto. Enquanto o marido descansa, a mulher cuida dos filhos, da casa e prepara algo para comerem. As experiências adquiridas nas atividades laborais são tanto vividas como sentidas, e a sociedade configura-se como participante de sua construção espacial. Então, o descanso – por ser uma particularidade – é sentido interior, exposto fisicamente. No entanto, há algumas ideologias masculinas de barreiras sobrepostas que impedem o reconhecimento do descanso da mulher, sendo construções que, por maior que sejam as atividades realizadas, não serão entendidas como tarefas. Esse aprendizado do que vivenciado e o do que é compreendido é encoberto por adjetivos intrínsecos oriundos da sociedade, que mesmo visualizando sua real presença, continua retratando a submissão da mulher, pois como bem ressalta Rossini (2006, p. 43)“a

necessidade de que tarefas domésticas devem ser equitativamente distribuídas, mostrando que o sobre trabalho, cumpre as tarefas domésticas, além de exercer uma profissão – não deve recair apenas sobre as mulheres, mas ser igualmente compartilhado com os homens.

Assim sendo, o trabalho enquanto uma condição humana, sendo atividade que depende de uma organização compartilhada, não pode ser entendida de forma fragmentada. Por um lado, o que é próprio para homens e por outro o que é próprio para mulheres, uma vez que este tipo de construção social acaba por evidenciar uma ação inteiramente exclusiva da pessoa. Neste caso, a mulher é inserida em um contexto em que o trabalho passa a representar um universo histórico, cultural, corporal e físico, onde este é construído em desigualdade de gênero, o que Rossini (2006, p. 18) indica que “quando se fala em igualdade de gênero, está se aplicando as relações sociais entre mulheres e homens. Neste sentido a igualdade de direitos, de oportunidades e acesso aos recursos, bem como a distribuição equitativa das responsabilidades relativas à família são indispensáveis ao bem estar social”. Ora, o elemento aqui condiz ao trabalho vivenciado e, logo, verificamos uma sobreposição destes impostos às moradoras do ambiente rural, então a construção de gênero procede, também, nesta espacialidade vivenciada pela pessoa. Sendo assim, “o ser humano é levado pelas sensações para além do limite normal; ele é possuído por uma força, cuja origem coloca fora de si mesmo, na natureza e na sociedade” (TUAN, 1980, p. 29); força maior que sua vontade, restando a essa pessoa a resignação ou não aceitação e luta para que haja o equilíbrio.

Assim como as impressões digitais de uma pessoa identificam sua individualidade, as mulheres agricultoras são identificadas na sociedade por suas expressões, de cansadas pela pele envelhecida, pelos cabelos enfraquecidos, pelo suor no rosto, e descrevem uma realidade da mulher que labuta na agricultura familiar. Os fatores que compreendem os elementos intrínsecos do meio rural representam uma subjetividade do espaço, no qual, para Nascimento Silva (2010), as atividades que são desenvolvidas por homens e mulheres esclarecem que a força de trabalho executada por mulheres no assentamento rural é “negativo”, pois estes trabalhos deixam na aparência feminina marcas que transmitem a vida árdua das mulheres que vivem na área agrária.

As diferenças na divisão dos trabalhos produzem também diferenciações de oportunidades de ascensão social entre homens e mulheres. A figura da mulher tem sido menos favorecida, uma vez que mesmo em alguns momentos de conquistas há desigualdade nas decisões. A mulher continua evidenciada quando há necessidade de mão-de-obra e não na gestão ou administração. Elas não têm voz ativa para participarem da comercialização dos produtos, na escolha do que plantar e no preparo da farinha.

O espaço rural ocupado por mulheres que possuem dupla jornada de trabalho ao cuidar dos filhos, do marido e do roçado, plantando, capinando e colhendo as lavouras. No retorno do roçado para suas casas, continuam com os afazeres domésticos e todo este envolvimento funciona como um ritual de estereótipos que são realizados mecanicamente sem escolhas ou opções por seus realizadores. São ações que não dão espaço para alternativas secundárias à existência no campo, Chiapetti (2010, p. 141) esclarece que “o espaço carrega simbolicamente a existência humana com sua identidade de desejo, sentimento, intenções, ações”. As relações presentes nas ações desenvolvidas no meio rural substituem e transformam o modo de vida das pessoas. As técnicas que impulsionam a sociedade são definidas pela ação de uma sociedade machista, que interfere diretamente no modo de vida da comunidade, no desenvolvimento do lugar. No caso da organização familiar no Assentamento Joana D’Arc o tipo de arranjo familiar, em que o homem é a

pessoa de referência, os tipos de famílias mais frequentes são casal com filhos e casal sem filhos. Nas famílias em que a mulher é a referência, predominam as sem cônjuge e com filhos. Observa-se que, independentemente do gênero de referência, as famílias com filhos têm as mais baixas médias de rendimento familiar per capita. As do tipo “casal com filhos”, chefiadas por homens, têm rendimento médio de R\$295,80, e as chefiadas por mulheres “sem cônjuge com filhos”, R\$250,00. Esses dados foram resgatados de questionários que foram aplicados na área do estudo. Ainda, foi identificado na localidade que a quantidade de mulheres idosas aposentadas é menor que a de homens.

Se por um lado o espaço rural representa simbolismo e existência humana, por outro retrata um descaso social pelas pessoas que lá residem. Embora haja dependência dos produtos da lavoura para o sustento, poucos são os que refletem sobre a vida árdua de quem vive no campo, pois ainda que sejam mulheres esquecidas de seus direitos e respeito social, têm uma rotina familiar de necessidade da equidade de gênero, o que segundo Silva (2009, p.36) “Um agrupamento de ideias e opiniões que a sociedade constrói através de uma cultura do que é ser homem e do que é ser mulher. O conceito de gênero permite compreender que não são as diferenças dos corpos de homens e mulheres que os posicionam em diferentes hierarquias, mas sim a simbolização que a sociedade faz delas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Geografia Humanística busca compreender o espaço social transformado cotidianamente pelas atitudes humanas, essas em que estão inseridas as ações de construção de gênero e, em função disso, os conceitos estudados e os métodos aplicados devem ser seguidos para uma compreensão do fenômeno. De maneira que, a escolha pelo método fenomenológico foi realizada por meio desse ser possível entender e explicitar os sentimentos e as experiências vivenciadas em campo e documentadas através de registro fotográfico, aplicação de questionário.

Consequentemente conseguiu-se evidenciar algumas atividades que, por vezes, podam a mulher para conseguir equidade de gênero e para o empoderamento, construindo desse modo obstáculos que às restringem ao avanço de conquistas políticas públicas de igualdade de direitos. Percebeu-se que as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pelos moradores, influenciam o modo de vida das mulheres do assentamento. E, que as mudanças ocorridas no lugar foram incorporadas ao cotidiano das pessoas, que sem saber como proceder em suas vidas, precisaram de orientações, programas e políticas voltadas a suas realidades, para que possam continuar no lugar que escolheram para viver.

Na ação de colocar comida para os animais percebemos que o ato de dar comida é, também, um ato de relação íntima e afetiva. Os cuidados com a lavoura são realizados em formas cronometradas a cada hora do dia, e esta forma de organização do espaço compreende um entendimento geográfico voltado a cada espacialidade são algumas das atividades rurais realizadas pelas mulheres do Assentamento Joana D'Arc III.

As construções sociais de desigualdade feminina são bem percebidas na divisão das atividades domésticas e, de um modo em geral, representam a domesticação do próprio corpo feminino. Estão construídas por fatores que são elaborados e mesclados pelas experiências ensinadas no seio familiar, bem como todo conjunto de sentimentos que são passados de geração para geração. É da diferença do gênero apreendido por cada criança que nascem as divisões das atividades exercidas no lar já pré-definidas.

A espacialidade mensurada pode ser vista como um círculo, em que os pontos entre si possuem conexões de entendimento, não havendo diferenciação de rota de quem está fora do círculo. No entanto, para quem está em seu interior o caminho seguido pode acarretar um novo paradigma a ser seguido, pois as experiências espaciais ocorrem em um espaço interno, em que a vivência é sentida por meio das emoções.

As atividades para algumas mulheres são consideradas como brandas, mínimas ou trabalhos leves, e são construídos obstáculos socioeconômicos entre a mulher dona de casa e a mulher trabalhadora da lavoura, e as diferenciam dos homens pela força e massa corporal. Essas paredes erguidas a partir da cultura, da história, da rotina de vida e do que ela acha ser sua obrigação, com as características bem específicas da mulher que suporta dupla jornada de trabalho, em que o esforço físico e a resignação familiar sobrepõem o cansaço dando força para que suportem o cotidiano, o que é uma das características das mulheres do Assentamento Joana D'Arc III.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.
- CHIAPETTI, R.J.N. Pesquisa de campo qualitativa: uma vivência em geografia humana. **GeoTexto**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2010. p. 139-162. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4834/3583>. Acesso: 15 maio 2016.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da geografia**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- CLAVAL, P. **Geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.
- CLAVAL, P. A Volta do cultural na geografia humana. **Mercator: Rev. Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 1984-2001. 2001. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>. Acesso em: 18 abr. 2013.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**. São Paulo: perspectiva, 2011.
- FREMONT, A. **A região, espaço vivido**. Curitiba: Almedina, 1980.
- MILL, S. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Escala, 2006.
- NASCIMENTO SILVA, M. G. S. **Geografia e gênero em assentamento rural: espaço e poder**. Porto Velho: UNIR, 2012.
- RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **CAPES**, n. 38, 1980.
- ROSSINI, R. E. Gênero e preconceito: o trabalho da mulher na modernidade agricultura canavieira paulista (1997 -2005). In: SIMPÓSIO FAZENDO GÊNERO. 12., 2006. **Anais [...]**. 2006. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Rosa\\_Ester\\_Rossini\\_12.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/R/Rosa_Ester_Rossini_12.pdf). Acesso em: 25 maio 2016.
- SILVA, J. M. (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Paraná: Todapalavra, 2009.
- SILVA, V. N. **Assentamento rural Joana D'Arc III: um olhar na perspectiva de gênero**. Relatório de Pesquisa PIBIC- UNIR. Porto Velho, 2010.
- SOJA, E. **Geografia pós-modernas: à reafirmação do espaço na teoria social**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: EdUNESP, 2004.
- TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.
- TUAN, Y. F. **Paisagens do medo**. São Paulo: EdUNESP, 2005.
- TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atividades e valores e o meio ambiente**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.